

ARTIGO

## *Espécies companheiras em situação de rua: histórias de relações entre viventes*

**Companion species in situations of homelessness:  
Stories of relationships between living beings**

Monique Borba Cerqueira<sup>1</sup>, Cássia Jane de Souza<sup>II</sup>

### Resumo

Este artigo busca discutir a interação entre espécies companheiras, humano/animal doméstico em situação de rua, por meio da abordagem antropológica e etnográfica, concomitante a ações urbanas de cuidado e resgate dirigidas a cães e gatos, nas ruas do município de Carapicuíba, grande São Paulo. O debate sobre uma sociedade que contemple e dignifique os viventes, e não apenas o humano, emerge da necessidade de evidenciar o papel dos milhões de animais domésticos cujo significado na vida social contemporânea vem se transformando com incrível velocidade, afetando a sociedade em seus laços e integração, alterando as relações afetivas entre os seres com repercussões no campo teórico – da filosofia à biologia, com ênfase nas ciências sociais e humanas.

**Palavras-chave:** População em situação de rua, Famílias multiespécie, Espécies companheiras.

### Abstract

This article aims to discuss the interaction between companion species, in human/domestic animal relationships, in situations of homelessness, through an anthropological and ethnographic approach, concomitant with urban care and rescue actions aimed at dogs and cats, in the streets of the municipality of Carapicuíba, in the Greater São Paulo region, Brazil. The debate concerning a society that contemplates and dignifies living beings, not only humans, emerges from the need to highlight the role of millions of domestic animals whose meaning in contemporary social life has been changing with incredible speed, affecting society in its bonds as well as changing affective relationships between beings, with repercussions in the theoretical field – from philosophy to biology, with an emphasis on social and human sciences.

**Keywords:** Population in situations of homelessness, Multispecies families, Companion species.



<sup>1</sup> Monique Borba Cerqueira (moniqueboreau@gmail.com). Possui Bacharelado em Ciências Sociais (UERJ), Mestrado em Sociologia (UNICAMP), Doutorado em Políticas Sociais e Movimentos Sociais (PUC/SP), Pós-Doutorado em Ciências Sociais (PUC/SP), Pesquisadora Científica V do Estado de São Paulo - Instituto de Saúde, Brasil.

<sup>II</sup> Cássia Jane de Souza possui Licenciatura em Pedagogia, Bacharelado, Licenciatura em Educação Física e Especialização em Direito Animal. É protetora e ativista da causa animal em Carapicuíba – SP.



## Introdução

Em 1859, quando Charles Darwin edita “A Evolução das Espécies”, o homem parecia perder suas regalias na história do mundo, passando a ser visto como apenas um ser vivo em conexão com toda a natureza. Afinal, o Homo Sapiens era somente uma espécie recente entre milhares de outras.

No entanto, sabemos que a trajetória do pensamento antropológico clássico tradicionalmente deu centralidade à vida social e à experiência cultural humana. A filosofia também pensou os demais animais “como um teorema, uma coisa vista que não vê”<sup>1</sup> (p.33). A distinção entre o humano e o animal foi gerada a partir de uma desqualificação do outro (o animal), naturalmente compreendido como objeto. Essa perspectiva obstaculiza as possibilidades de pensar as outras espécies animais como símbolo e sujeito da vida social na experiência sensível.

É assim que Derrida (2002) inicia lindamente sua aula no Colóquio de Cerisy, em 1997:

*Gostaria de eleger palavras que sejam, para começar, nuas, simplesmente, palavras do coração<sup>1</sup> (p.11).*

E mais adiante:

*É preciso considerar que existem ‘vivos’ cuja pluralidade não se deixa reunir em uma figura única da animalidade simplesmente oposta à humanidade<sup>1</sup> (p.87).*

A história do homem e da sua humanidade está diretamente ligada a esse “amansamento” antropomórfico do qual nos fala Derrida.

*(...) um assujeitamento moralizador, uma domesticação. Sempre um discurso do homem; sobre o homem; efetivamente sobre a animalidade do homem, mas para o homem, e no homem<sup>1</sup> (p.70).*

Por óbvio que não há conhecimento humano que não seja antropomórfico. No conto de Tolstói chamado *Kholstomér*,<sup>2</sup> um cavalo, cujas características humanas são descritas ao longo da narrativa, é o protagonista de todo o enredo. Tolstói brinca com os limites da humanidade fazendo com que *Kholstomér* conte sua vida e emita opiniões sobre si e os outros homens para outros cavalos, porém ele demonstra o mais elevado e profundo senso humanitário, ridicularizando e conduzindo ao estranhamento a conduta humana. *Kholstomér* questiona a estranha espécie de animais chamados gente e as injustiças que impõem.

*(...) naquela época era obscuro para mim o significado da palavra ‘meu’, ‘meu potro’, palavras através das quais eu percebia que as pessoas estabeleciam uma espécie de vínculo entre mim e o chefe dos estábulos. (...) só o compreendi bem mais tarde, quando me separaram dos outros cavalos. Mas, naquele momento, não houve jeito de entender o que significava me chamarem de propriedade de um homem. As palavras ‘meu cavalo’, referidas a mim, um cavalo vivo, pareciam-me tão estranhas quanto às palavras ‘minha terra’, ‘meu ar’, ‘minha água’<sup>2</sup> (p.73-74).*

Tolstói constrói toda uma narrativa a partir da superioridade moral dos cavalos em relação aos seres humanos, seus algozes.

*Mais tarde, quando ampliei meu círculo de observações, convenci-me de que, não só em relação a nós, cavalos, o conceito de ‘meu’ não tem nenhum fundamento senão o do instinto vil e animalesco dos homens, que eles chamam de sentimento ou direito de propriedade<sup>2</sup> (p. 74-75).*

Além das relações históricas de domesticação, castigo, trabalho forçado, confinamento, mutilações, podemos pensar na ambiguidade implícita nas trocas afetivas entre animais e humanos, presente na

chamada antropomorfização emocional da atual “sociedade pet” que também tem levado à manipulação dos humanos sobre as outras espécies animais. No entanto, a parte valiosa desse debate gira em torno de como equacionar a convivência no contexto relacional entre humanos e não humanos a partir de uma ética da cooperação, veracidade e lealdade entre existentes.<sup>3</sup>

Nos anos 1960, 1970 e ainda 1980, a expressão “bicho” indicava um enorme carinho e receptividade entre iguais. “É isso aí, bicho”, a designação expressava uma máxima da sociabilidade brasileira que passava por um alinhamento animal entre humanos. Sem dúvida, uma referência a tempos em que, na ditadura militar, jovens, artistas e intelectuais remavam a favor de uma maior amabilidade quanto às causas da natureza, comuns aos movimentos hippies.

No setor da produção do conhecimento teórico, Animal Studies foi o campo de investigação surgido na década 1970 em meio aos movimentos de proteção animal para designar os estudos sobre relações humano-animal. Na atualidade, a internet está aí para demonstrar episódios nas redes sociais que viralizam com os encontros humano-animais.

### **O sentido da humanidade e o companheirismo nas relações entre espécies**

Hoje, a definição de humanidade talvez nunca tenha sido tão interrogada, no momento em que o animal é o espelho do humano que surge como amparo, motivo de alegria, sociabilidade e companheirismo entre espécies. O lugar conquistado pelos animais na esfera doméstica chama atenção para um outro desafio, a busca da não humanização dos animais e desumanização do humano, no sentido de libertá-lo da crença em uma natureza humana, concebendo-o como vivente em constante transformação. Donna Haraway (2021) introduz a ideia de uma nova forma de pensamento relacional entre espécies pautada em outros mundos possíveis, diferentes formas de olhar e vivenciar relações baseadas na mudança de visões pré-concebidas entre espécies.<sup>3</sup>

A fronteira entre espécie humana e animalidade se mistura – a oposição animal/humanos não pode mais servir como justificativa de superioridade de uma

sobre a outra, e emergem formas solidárias de encontro para além do humano. A oposição entre natureza e cultura vem então ser colocada à prova, constituindo-se uma antropologia além da humanidade. Surge uma antropologia da vida que extrapola o domínio humano e as relações com outras vidas que vivem juntas.

Se tomarmos a cultura como uma rede de conversações que definem um modo de viver, um modo de estar orientado no existir, tanto no âmbito humano quanto não humano que envolve um modo de atuar, um modo de emocionar, e um modo de crescer no emocionar, vamos em direção a proposições muito interessantes<sup>4</sup> (p.211). Segundo essa definição de cultura, nós, humanos, nos distinguimos dos outros animais porque somos uma espécie conversante, estamos imersos na linguagem “vivemos todas as dimensões de nosso espaço relacional nas conversações e como conversações;”<sup>4</sup> (p.138). Ou seja, nós só existimos no entrelaçamento de nossas conversações, o que permite o fluir do coemocionar. O humano acontece nesse entrelaçamento da linguagem e das emoções. Maturana (2014), como biólogo sensacional que é, continua seu raciocínio afirmando que a origem do *Homo sapiens* se deu por meio da cooperação mútua, isto é “através do amor”. E vai mais longe, diz que nós humanos não somos animais racionais, somos animais que “utilizam a razão, a linguagem para justificar nossas emoções, caprichos, desejos...”<sup>4</sup> (p.223). O amor como condição biológica do humano é o que permite a socialização; sem amor não há linguagem, não há autoconsciência, emoção ou razão: “sem amor nós não somos seres sociais.”<sup>4</sup> (p. 223).

Estamos acostumados a pensar a positividade da razão em oposição à emoção, tantas vezes depreciada “como se a razão pudesse existir independentemente das emoções ou em contraposição a elas”<sup>4</sup> (p.223). O amor como fundamento do fenômeno social e não como consequência dele pode ser um achado excepcional. “O que é especialmente humano no amor não é o amor, mas o que fazemos no amor enquanto humanos”<sup>3</sup> (p.222).

*O amor consiste na abertura de um espaço de existência para um outro em*



*coexistência conosco, em um domínio particular de interações. Como tal o amor é a expressão de uma congruência biológica espontânea, e não tem justificação racional: o amor acontece porque acontece, e permanece enquanto permanece<sup>4</sup> (p.221).*

Na sequência dessa reflexão podemos compreender como um modo de vida *homo*, baseado no compartilhamento e cooperação de pequenos grupos, se distinguiu do modo de vida antropeide (chimpanzés e gorilas), centrado na oposição hierárquica, intimidação, trapaça, sendo que somente os primeiros tiveram acesso ao artesanato da linguagem. Logo, a característica primordial do humano não é a autoconsciência e sim a linguagem. “Afirmamos que animais que não vivem na linguagem fazem tudo o que fazem como nós fazemos o que fazemos inconscientemente”<sup>4</sup> (p. 276).

Não é necessário operar na consciência para manter interação, a diferença entre nós e o animal é que ele não vai linguagear de forma requintada como fazemos.

A tese de Maturana (2014) é de que o *Homo sapiens* como espécie recente, entre milhares de outras, não se afirmou por meio da competição, mas da cooperação, da aceitação mútua, da chamada biologia do amor que não é um fenômeno que se dá exclusivamente entre humanos, mas se complexifica na humanidade. Conseqüentemente, um ponto importante a ressaltar é que sistemas de convivência são construídos com base em emoções de amor, logo, arranjos hierárquicos, de dominação, não são considerados, nessa perspectiva, sistemas sociais.

A história humana é de conexões, interações com outras espécies e de transformações na união de uns com os outros, e nada justifica a dominação ou objetificação nesses encontros. Trata-se da construção de mundos juntos na troca do bem comum e do reconhecimento mútuo.

A essa concepção da biologia do amor vamos somar outra, por meio de um novo campo de estudos antropológicos que vem nos desafiar, indo além da compreensão humano-animal. É o que se pretende fazer com o conhecimento a partir dos estudos multiespécies.

*A vida não pode surgir e ser sustentada de forma isolada. Mas as relações têm histórias. (...) E assim, para além da mera sobrevivência, formas particulares de vida, em toda a sua diversidade resplandecente, emergem de padrões entrelaçados de viver e morrer, de ser e tornar-se, em um mundo maior. (...) A relacionalidade multiespécies atenta aos registros temporais e semióticos evidencia um mundo animado em que o ser é sempre tornar-se, em que tornar-se é sempre um tornar-se com<sup>5</sup>.*

Os estudos multiespécies acionam uma verdadeira revolução que pretende redesenhar um campo do pensamento.

*Os estudos multiespécies tomam esta compreensão do nosso mundo, inspirando-se nas ciências naturais e indo além, trazendo diferentes corpos de conhecimento para conversar e empurrando-os em novas direções. Os estudiosos multiespécies estão se perguntando como vidas humanas, modos de vida e responsabilidades terminaram se constituindo nesses entrelaçamentos. (...) Histórias apenas humanas não servirão a ninguém em uma época modelada pelo agravamento e fortalecimento mútuo de processos de destruição biossocial – da extinção em massa às mudanças climáticas, da globalização ao terrorismo<sup>5</sup>.*

Enquanto novas paisagens ganham existência em uma teia de vida mais ampla, a abordagem multiespécie requer um reencantamento com a vida, ao perceber uma complexa cosmologia dos seres. Alargado o campo de visão, abrem-se os questionamentos das fronteiras entre humanos e não-humanos.<sup>111</sup>

<sup>111</sup> Autores como Bruno Latour, Isabelle Stengers, Donna Haraway, Anna Lowenhaupt Tsing, Emanuele Coccia e tantos outros perseguem essa nova perspectiva no campo das humanidades.

É preciso lembrar que humanos e não humanos existem, coabitam, convivem, disputam, afeiçoam-se, agridem-se. Encontram-se e distanciam-se à beira do despenhadeiro. Até porque nossas vidas não se limitam a conviver apenas com espécies companheiras. É preciso cautela para se colocar na borda daquilo que é passível de compreensão no enredo das criaturas e suas relações. Partimos da premissa de que só as relações engendram a transformação e isso não é uma excepcionalidade humana.

Estamos novamente falando de amor, imersos nos novos estudos científicos baseados em “conexões apaixonadas” cuja característica é o amor multiespecífico<sup>4</sup>. A extraordinária história da vida na terra remete a certas paixões:

*(...) entre poucos humanos que percebem os fungos, conseguem amá-los com uma paixão sem fôlego. Gourmets, herbalistas e aqueles que poderiam remediar a ecologia mundial muitas vezes se tornam devotos do mundo dos fungos<sup>6</sup> (p.44).*

Pensar o ser como experiência de tudo o que é, é desconcertante e ultrapassa a demasiada humanização da vida. A vida humanizada demais, a ordem antropocêntrica do mundo, muitas vezes nos apequena para as experiências com a heterogeneidade viva.

É preciso visitar processos sociais mais amplos que os humanos, recuperar a história de não-humanos – animais que enchem a vida de sentido e com os quais se vive. São esses os estranhos encontros, as relações, fricções destinadas a explorar os mistérios de novos modos de existência entrelaçados. Trata-se de entrar em regime de experimentação com populações não humanas como sujeitos de ações e não apenas como objetos.<sup>6</sup> Isso significa perceber, no convívio entre espécies, o amor compartilhado, o estar e fazer junto em um novo cenário de encontros políticos e filosóficos entre as criaturas que buscam sintonias extremamente potentes para existir.

### **Espécies companheiras em situação de rua: o caso do município de Carapicuíba**

Carapicuíba é conhecida por ser um dos municípios mais pobres da região metropolitana de São Paulo, caracterizado como cidade dormitório, com uma infraestrutura precária e alto índice de criminalidade, além do baixo desenvolvimento social e econômico da população. A cidade está inserida de forma subordinada no contexto e convívio da urbanidade a partir de características sociais e econômicas indesejáveis.

A moradia está entre os graves problemas urbanos e precariedade do município. São recorrentes na localidade as ações de reintegração de posse e desocupações<sup>7</sup>. As construções clandestinas predominam na malha urbana de Carapicuíba, causando problemas sociais sem precedentes para as famílias.

Desocupações são sempre atos violentos que significam a perda do teto para as pessoas e, para as autoridades, a retirada à força de um bem que nunca pertenceu à população. A ação de reintegração significa uma situação de completo desalento e desamparo – é um momento de incerteza na vida da comunidade. Muitos se somarão à crescente parcela da chamada população em situação de rua. O resgate de animais em tais circunstâncias é uma experiência traumática, afinal presencia-se a ruptura de tutores com os animais.

Para quem atua na proteção animal, essa é uma das experiências mais desoladoras que se pode testemunhar – a destruição de relações e de vidas, tanto das pessoas quanto dos animais, pois todos são afetados. Nesse cenário de destruição, organismos e instituições de proteção animal, eventualmente, resgatam aqueles que ficaram para trás, bichinhos que foram abandonados por força das circunstâncias. Os relatos a seguir são histórias de pessoas que escolheram continuar com os seus animais, que quiseram permanecer com seus amigos não humanos, mesmo transitando da pobreza para a miserabilidade em situação de rua. Trata-se de alguns dos encontros etnografados pela ativista e protetora animal Cássia de Souza.



## Lino e Teco

Um dos meus primeiros contatos com uma pessoa em situação de rua foi em 15 de maio de 2006. Para quem não se lembra, foi nesse dia que uma facção criminosa, o PCC (Primeiro Comando da Capital), fez São Paulo parar. Sem saber o que de fato ocorria, tentei voltar para casa. O trem encontrava-se terrivelmente lotado e as pessoas, visivelmente apavoradas. Pensei então em pegar um ônibus, mas já não havia mais opções e aí percebi que a situação era grave e complexa. O jeito foi ir andando e, assim, passei a caminhar sozinha. Tudo no meu entorno me deixava intranquila.

Sozinha e sem ter com quem conversar, comecei a prestar atenção no que parece, para muitos, invisível aos olhos, a população em situação de rua. Para quem tentava voltar para casa, a sensação era de insegurança, percebiam-se as expressões e atitudes de medo. Sem opção, continuei caminhando e tive a ideia de cortar caminho, pois logo iria anoitecer. Ao mudar de trajeto, fui acompanhada por um cachorro. Era um desses caramelos clássicos, super simpáticos, que parecia até sorrir. Abanando a cauda, ele me acompanhou e seguimos lado a lado por um bom tempo. Em alguns momentos parecia querer brincar e roçava nas minhas pernas. O meu amigo de caminhada me distraiu, deixando o percurso perigoso mais leve. O cão caramelo era muito vistoso e não estava magro, imaginei que pudesse ter fugido do quintal de alguma família.

No intuito de encurtar o meu caminho teria que passar por baixo de uma ponte. Ao me aproximar, avistei uma pessoa e o cachorro saiu em disparada ao seu encontro. Chegando mais perto, vi que era um senhor franzino, com uma fisionomia sofrida. Ele se agachou um pouco, abriu os braços abraçando o cachorro, que o retribuiu com muitas lambidas e latidos. A felicidade de ambos era contagiante e agora eu também me sentia feliz em saber que o cachorro tinha alguém. O senhor veio me agradecer achando que eu havia trazido o Teco para ele. Na verdade, foi o contrário, ele é que me fez companhia e me deu alento pelo tempo que caminhamos juntos. O agradecimento devia ser meu.

Então o cachorrinho tinha um nome e uma pessoa que era sua referência de acolhimento e afeto. Por um bom tempo esqueci de todo o caos daquele dia e fiquei conversando com aquele senhor que se apresentou como Lino. Naquele momento de terror na cidade, Seu Lino estava em paz debaixo daquela ponte com o seu cachorro. Achei melhor nem comentar sobre os acontecimentos, mas apenas apreciar a sua euforia com o seu amigo Teco. Ele estava radiante com aquele reencontro e nada poderia atrapalhar isso. Fiquei conversando com ele. Ali estava segura e fiquei por um bom tempo com esse senhor que já providenciava um pouco de pão e água para Teco. Ele me disse que não tinha família e que o Teco era o seu companheiro, tudo que ele tinha, por isso estava muito triste com o seu sumiço. Teco havia sido retirado forçosamente dele e quem o fez alegava que Lino não tinha como mantê-lo com todos os cuidados que um animal necessita. Fiquei ali a contemplar a felicidade de ambos e a pensar sobre o bem que faziam um para o outro. Cada lágrima de seu Lino conta, cada abraço conta, cada gesto de cuidado para com Teco conta. O sentimento, a ligação, o vínculo estabelecido eram fortes demais. Teco estava saudável e sabia se virar muito bem pelas ruas, tanto é que, ao fugir de onde estava, conseguiu localizar o seu real parceiro de afeto.

Agora relembro os acontecimentos, percebi o quanto fui resgatada naquele momento para uma outra realidade da qual tinha ciência, mas não conhecia a dimensão da sua complexidade. Quando respeitamos as interações entre diferentes espécies, entendemos a importância de todos os seres. Fiquei ali a contemplar Teco, comendo com vontade e matando a sede, talvez estivesse há dias tentando voltar, e Seu Lino com um sorriso e lágrimas. Já começara a escurecer e fiquei apreensiva com a possibilidade de sair sozinha e enfrentar as ruas que logo estariam desertas. Não relatei o porquê do meu receio, mas falei que gostaria de ter companhia da dupla por dois quarteirões, e prontamente Seu Lino me acompanhou com o seu parceiro Teco até a frente do prédio da minha tia. Chegando lá, abaixei e permiti alguns “lambeijos” graciosos de Teco. Levantei e estendi a mão para cumprimentar Seu Lino com o olhar agradecido por me acompanhar.

Enquanto aguardava atendimento na portaria, observava aquela dupla de companheiros sumindo, ao virar a esquina, e o que chamava atenção era o balançar frenético da cauda de Teco, sinal da cumplicidade de uma verdadeira amizade.

### **Severino e Bartolomeu**

E nas andanças nesses cenários de guerra que são as desapropriações conheci o Seu Severino, retirante nordestino que veio, como ele mesmo disse, “para o sul tentar a vida”. Esse foi um dos motivos pelos quais escolheu a cidade de Carapicuíba como destino para tentar sobreviver. Sempre trabalhou desde os seus cinco anos de idade. Não teve infância – vida dura. Casou e teve muitos filhos, porém foi abandonado pela família devido ao vício na bebida. Cheguei minutos antes do trator passar por cima da casa que ele conseguiu construir com suas parcas economias. Sentei ao seu lado, e como sempre faço no cotidiano da causa animal, perguntei se ele tinha algum bichinho que precisava de auxílio. Foi quando me disse que sim. Ele tinha um cachorro chamado Bartolomeu que era seu amigo e companheiro de anos. Disse que o cachorro não tinha casinha do lado de fora. Não era necessário, pois dormiam juntos na cama.

No momento em que eu tirava um pouco de alimento para doar para o cachorro, ele falou: “moça a próxima casa a vir para o chão é a minha”. Nesse instante, surgiu Bartolomeu, correndo ao seu encontro. Até parecia que veio avisar ou sentiu aquilo que estava prestes a acontecer. Não me senti confortável em sair e deixá-los sozinhos diante daquela cena tão triste. Bartolomeu ficou junto de seu Severino e ficaram ali, os dois, vendo desabar a edificação. Agora eram dois sem-teto. Naquela noite, quando ocorreu a ação das máquinas derrubando as casas, ninguém conseguiu descansar ou dormir. Todos viraram a noite atônitos, sem saber para onde ir ou a quem recorrer. Consegui uma casinha para cachorro de tamanho grande e Seu Severino, que era um homem franzino, embrenhou-se lá dentro com Bartolomeu. Os dois voltaram a dividir o mesmo teto, mas agora em condições inacreditáveis.

### **Laurinda, Bambina e Binho**

A pandemia do coronavírus, iniciada no final do ano de 2019, impactou o mundo todo. Como sabemos, esse impacto foi bem maior entre as camadas pobres da sociedade. Nunca a população em situação de rua cresceu de forma tão vertiginosa como no período pandêmico. Simultaneamente à pandemia, observamos um aumento de animais abandonados. Entretanto, em meio a tantas histórias tristes há quem tenha resistido sem deixar o seu companheiro peludo para trás.

Foi nesse período que conheci Dona Laurinda, uma senhora que sobrevivia da venda de doces e panos de prato em semáforos de Carapicuíba. O carro parou e ela veio tentar a venda. Percebi que havia dois cachorros com ela. Na impossibilidade de comprar o que ela oferecia, dei ração aos cães. Ela abriu um sorriso em agradecimento. Era uma figura nova ali, mas que eu identificava há alguns meses, sempre no mesmo horário, aos finais de semana.

No fim de semana seguinte fui mais cedo, com a intenção de encontrá-la. Foi assim que ela me convidou para ir aonde residia com os seus dois cachorrinhos. Pedi que entrasse no carro, mas ela disse que não era possível, pois não havia aonde estacionar. Achei estranho, mas depois entendi ao chegar até o local. Dona Laurinda morava debaixo de um viaduto com um neto e dois cachorros. Começou espontaneamente a falar de como chegou àquela situação. Contou que na impossibilidade de pagar aluguel logo após ficar sem o seu emprego durante a pandemia só lhe restou morar na rua. Ela é mais uma das milhares de pessoas que perderam renda e moradia. Devido a essa situação, a família teve sua vida totalmente dilacerada. Ela cuidava de um neto de oito anos que não estava lá no momento. O garotinho estava em outro ponto da avenida, no farol, tentando vender doces.

Os dois cachorrinhos se chamavam Bambina e Binho. Ela me mostrou com orgulho as carteirinhas de vacinação e uma escova que usava para penteá-los. Disse que sempre fez o possível para cuidar dos dois da melhor forma que conseguia e que sentia muito em não poder proporcionar um banho para eles. Ela estava



morando debaixo da ponte havia sete meses. Peguei um banho à seco e passamos na duplinha peluda, foi o que deu para fazer naquele momento. No outro final de semana combinamos um banho de verdade.

Mesmo com todas as dificuldades ela nunca teve dúvidas em continuar com o casalzinho de cães. A possibilidade de separação nunca havia passado pela sua cabeça. A companhia, lealdade e amor que eles tinham eram maiores que qualquer adversidade. Todas as vezes que ela citava os nomes Bambina ou Binho eles latiam e rodavam com a boquinha entreaberta, como exibindo um sorriso. Sabiam o quão amados eram. Saí de lá com o coração aquecido e pensando com incompreensão em relação às pessoas que, por bem menos, abandonam para sempre seus amigos e entes queridos.

### **Dinei, o carroceiro solidário**

Certa vez, ao passar por um carroceiro, percebi que sua carga, naquele momento, não era composta por materiais recicláveis. Na carroça havia vários animais. Eu tinha separado algumas coisas para reciclagem e ofereci ao rapaz que se apresentou como Dinei. De longe, via dois cães, um caramelo e um preto, grande e corpulento. Mas ao me aproximar tive uma surpresa, dentro de uma caixinha de papelão havia uma gatinha com seus filhotinhos. Eram seis bebezinhos que estavam dormindo e, ao mesmo tempo, grudados na cadeia mamária. Além dos carroceiros terem minha admiração por serem agentes sociais e ambientais, a generosidade de Dinei era mais que digna de nota. Ofereci a ele os materiais que havia separado e água. Os cães tinham nome e já estavam com Dinei há anos. Eles não tinham uma residência fixa. Eram nômades de viadutos. As mudanças ocorriam conforme as circunstâncias adversas que as ruas proporcionavam.

Em relação à gatinha e aos seus filhotes, Dinei relatou que os havia encontrado há alguns dias em uma lixeira. Disse que a gatinha estava faminta e com muita sede e que um dos filhotes havia morrido. Desde então ele carregava a família felina pra onde ia, pois não era confiável deixá-los debaixo da ponte

onde residia. Ele relatou até uma curiosidade, que os bebês paravam de miar com a vibração da carroça, que gostavam daquele movimento. Fiquei admirada com o cuidado e carinho de Dinei por aquela pequena família. Ele mantinha proteção com sombra, mantendo a caixa de papelão virada de lado. Outro fato importante era que a relação dos cães com a gatinha era harmoniosa. Perguntei se sempre foi assim e ele disse que sim, inclusive quem farejou e encontrou a família felina foi um dos cães. Doeí um pouco de alimento específico para animais, mas naquele momento queria fazer mais, porém talvez pudesse ser mal interpretada. Passaram-se alguns dias e fui até o “endereço” no qual ele residia e não o encontrei. Conversei com alguns outros moradores em situação de rua e deixei mais alimento e um recado de que queria revê-lo. Dinei veio prontamente no outro dia. Dei-lhe dezenas de caixas de papelão e em troca ganhei uma caixinha muito especial e o reconhecimento de que aquela família felina poderia encontrar um lar. Assim seguiu o carroceiro protetor, na sua luta diária ao lado da carroça e de seus cães companheiros.

### **Dona Chica e Menina**

Dona Francisca ou, para os íntimos, Dona Chica, é dessas almas que estão no mundo sendo testadas diariamente. Sobrevivente da desnutrição ainda no ventre da mãe, caçula de quatorze irmãos, ela foi entregue com doze anos de idade a uma família carioca que estava fazendo turismo no Ceará. No entanto, não ganhou uma família, a fizeram de serviçal, sem qualquer direito trabalhista. Não estudou, não possuía nenhuma vida social. Vivia sob uma forma típica de escravidão urbana. Sofreu abuso e quando a gravidez foi descoberta, fugiu, porque queriam que abortasse. Pegou o primeiro ônibus que conseguiu e foi parar na rodoviária do terminal Tietê em São Paulo. Foram dias dormindo no chão frio, passando por privações até ter um aborto espontâneo. Ficou estéril e só descobriu isso décadas depois. Sobreviveu de alimentos, como bolachas e água, esquecidos pelas pessoas que por ali passavam. Na terra da garoa, o frio não dava trégua. Ganhou seu primeiro moletom na vida de



um turista argentino. Fez das caixas de papelão seu colchão e quando tinha a sorte de conseguir achar restos de comida, muitas vezes dividia com os cães que ficavam à deriva, na parte externa da rodoviária. Com o tempo, ela começou a ser vista como um incômodo para os comerciantes e administradores do terminal, mudando-se para a parte externa onde ficavam os três cães. Os cães a aceitaram prontamente, aquela humana que os imitava, sentando e deitando-se no chão. A partir desse momento, se estabeleceu um vínculo descomunal. Começou uma relação de carinho, afeto, lealdade e companheirismo inigualáveis. Os dias seguiam agora mais leves com as brincadeiras. Os cães ficavam trazendo as bolas de papel incansavelmente para Chica arremessar novamente. As noites ficavam menos frias, pois agora havia companheiros que adormeciam ao seu lado. Em uma dessas noites, ao dormir, Dona Chica sentiu um enlace macio, quente e que pulsava em seu pescoço. Algo vibrava em cima dela como um motor. Quando abriu os olhos se deparou com um gato todo faceiro. Ao perceber a humana desperta, o gato começou uma massagem com as patinhas dianteiras e o barulho do “motor”, o ronronar se intensificou. Depois se descobriu que era uma fêmea.

Durante o dia, devido à agitação da rodoviária, os gatos não apareciam. Além disso, os felinos também possuem hábitos noturnos, por isso são menos vistos, mas não menos abandonados. Os cães se adaptam melhor às condições diurnas, diferentemente dos gatos, que são notívagos e desbravam a noite, mas não fogem à idêntica situação de abandono.

Dona Chica falava: “Lá vem essa menina atrás de mim”. E o nome acabou ficando Menina, a gata. A gatinha ganhou confiança e ficava durante o dia também junto à sua parceira humana. Menina era carregada como uma criança e quando não estava nos braços, ficava sempre seguindo sua humana. Nunca houve atrito com os cães. Todos, de certo, já se conheciam. Aceitavam-se mutuamente em suas necessidades e privações. Havia ali uma verdadeira colaboração mútua.

Dona Chica teve um contato apenas de servidão com animais na sua infância. Os animais eram somente

úteis, viviam fora de casa e os vínculos eram impessoais. Não era permitida a possibilidade de convivência por afeto e admiração. Mas agora ela tinha uma tríade de afeto, cooperação e valor emocional com a amorosa gata Menina e dois cães muito queridos.

### Considerações finais

A atualidade evidencia um debate urgente e necessário que requer a busca por um pensamento não antropocêntrico do mundo. É nesse sentido que o universo animal tem nos conduzido a um novo exercício dos afetos e relações libertárias de cumplicidade e empatia. O reconhecimento de que não há uma cisão entre humanidade e animalidade, mas uma continuidade cooperativa entre iguais nas misturas afetivas manifestadas entre criaturas, possibilita um universo de conexões incrivelmente lúdicas, poéticas e amorosas no interior de mundos multiespecíficos. Um planeta de vidas entrelaçadas é a expressão maravilhosa que dota de sentido uma consciência de parceria – companheiros que caminham juntos no esforço de somar resistências em um diálogo dignificante e uma existência vigorosa.

### Referências

1. Derrida J. O animal que logo sou. São Paulo: editora UNESP; 2002.
2. Tolstói T. O diabo e outras histórias. São Paulo: Cosac Naify; 2010.
3. Haraway D. O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do tempo; 2021.
4. Maturana H. A ontologia da realidade. Belo Horizonte: Editora da UFMG; 2014.
5. Dooren T, Kirskey E, Münster U. Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade. *Incertezas*. 2016;3(7):39-66.
6. Tsing A. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas; 2019.
7. Silva J. Após decisão judicial 400 famílias são desalojadas em Carapicuíba. *Gazeta de São Paulo* [internet]. 2022 [acesso em 15 jul 2022]. Disponível em: <https://www.gazetasp.com.br/estado/mais-de-400-familias-sao-desalojadas-em-carapicui-veja-fotos/1110242/>